
**UM “GÊNERO MENOR” COMO FONTE
HISTÓRICA: ANÁLISE DA SANTIFICAÇÃO
DA MULHER NA CRÔNICA DE OLAVO
BILAC**

Mirella Ribeiro Pinto

Graduanda em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Realiza pesquisa de Iniciação Científica (sem bolsa) pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Email: mirellaribeiro10@hotmail.com

UM “GÊNERO MENOR” COMO FONTE HISTÓRICA: ANÁLISE DA SANTIFICAÇÃO DA MULHER NA CRÔNICA DE OLAVO BILAC**UN "GÉNERO INFERIOR" TAL COMO FUENTE HISTÓRICA: ANÁLISIS DE SANTIFICACIÓN DE LA MUJER EN LA CRÓNICA DE OLAVO BILAC**

Mirella Ribeiro Pinto

RESUMO

O presente artigo tem como principal objetivo discutir a importância do uso da crônica como fonte histórica, gênero considerado fruto das páginas dos jornais, que foi sofrendo mudanças ao longo do tempo. Outro ponto a ser analisado no presente texto é sobre a santificação da mulher durante o período da Primeira República, especificamente durante as reformas urbanas e sociais realizadas pelo prefeito Pereira Passos, na cidade do Rio de Janeiro (1902-1906), a partir da análise da crônica de Olavo Bilac publicada na revista “Kosmos” no mês de agosto de 1905.

PALAVRAS-CHAVE: Crônicas; Santificação da Mulher; Olavo Bilac; Primeira República.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir la importancia de utilizar la crónica como fuente histórica, género considerado fruto de las páginas de los periódicos, que ha sufrido cambios con el tiempo. Otro punto a tener en cuenta en este trabajo está en la santificación de las mujeres durante el periodo de la Primera República, específicamente para las reformas urbanas y sociales emprendidas por el alcalde Pereira Passos, en la ciudad de Rio de Janeiro (1902-1906), a partir del análisis de la crónica de Olavo Bilac publicado en la revista “Kosmos” en agosto de 1905.

PALABRAS CLAVE: Crónicas; La santificación de la Mujer; Olavo Bilac; Primera República

A CRÔNICA COMO GÊNERO LITERÁRIO

A crônica é um gênero que surge nos periódicos, mas devemos ressaltar que antes de ser crônica ela foi “folhetim”, sendo este um artigo de rodapé que falava sobre as questões do dia.” (CÂNDIDO, 1992, p. 15). O “folhetim” ganhou mais espaços nos periódicos e tornou-se a crônica, considerada um gênero literário brasileiro.

Como a indústria do livro ainda era praticamente inexistente no Brasil, entre o fim do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, a atividade literária esteve intensamente marcada nos jornais e revistas. Desse modo, para amenizar essa situação, quase todos os periódicos de renome possuíam espaços dedicados à literatura. Segundo Nicolau Sevcenko (2003), muitos jornais e revistas contavam com a participação de seus escritores contratados para publicar textos literários, sendo possível confundir as atividades do escritor e do jornalista, que acabava resultando na mesma pessoa executar as duas funções (de escritor e jornalista) na imprensa.

Dessa maneira surgiram na imprensa brasileira as crônicas e seus cronistas. Para Antonio Cândido, estas crônicas vão parecer ser um gênero menor, por serem simples, não possuírem o intuito de se tornarem cânones literários, despreziosas, e por tratar das sensibilidades do cotidiano de uma sociedade.

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (CÂNDIDO, 1992, p. 13-14).

Segundo Antonio Cândido e Afrânio Coutinho, a crônica após deixar de ser “folhetim” e por conta da modernização da imprensa, passou a assumir um papel nos jornais e revistas de divertir ou entreter seu público leitor, principalmente porque passou a possuir uma linguagem mais leve e descompromissada com a seriedade dos fatos cotidianos.

Mas a crônica vem a incorporar-se aos hábitos da nossa imprensa quando se deu o desenvolvimento da imprensa, com a sua modernização, quando se adotam as ilustrações a pena e os clichês fotográficos, quando se aumenta o número das edições. Dispondo de maior espaço, o jornal se enriquece de atrativos e com o noticiário, **o grave artigo de fundo e a seções ordinárias, transforma a crônica em matéria cotidiana, como recreio do espírito, amável e brilhante cintilação da inteligência.** (COUTINHO, 2001, p. 559) [grifo nosso!].

Com esse seu principal objetivo de entreter os leitores, a crônica possuía, e possui até os dias de hoje, uma característica de ajudar a suportar os males cotidianos de uma sociedade, tornando assim os acontecimentos, ou fatos, mais aceitáveis. Mas jamais perdendo a sua importância de levar a reflexão e o amadurecimento de ideias aos seus leitores.

De acordo com Antonio Candido (1992) a crônica, um gênero literário menor¹ não possuía a intenção de eternizar-se no tempo. Mas com o passar dos anos, as crônicas, antes publicadas em jornais e revistas, passaram a ganhar espaço nas páginas dos livros, deixando de lado a sua característica de temporária para ser duradoura. Sendo comum, nos dias de hoje, encontrar inúmeras publicações de crônicas literárias.

Segundo Sidney Chalhoub (2005) é um gênero que possui como uma das primeiras características a leveza, pois aborda as sensibilidades de um tempo, porque os cronistas assumiram o papel de extrair as inspirações e os assuntos das suas crônicas diretamente das ruas, fazendo dos pequenos acontecimentos urbanos a matéria-prima das crônicas.

Desse modo, as crônicas, dos fins do século XIX e início do século XX, ao serem usadas como fonte histórica de análise de determinado período, podemos revelar inúmeros acontecimentos a partir da profunda intimidade que a crônica possuía com o cotidiano da sociedade brasileira.

A RELAÇÃO HISTÓRIA E LITERATURA: A CRÔNICA COMO FONTE HISTÓRICA

O uso da crônica como fonte histórica vai ser facilitado após o movimento da terceira geração da *Escola dos Annales*. Momento em que a historiografia discute o surgimento e a necessidade de desbravar novos campos de estudos e correntes historiográficas.

A renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem **como a utilização de uma multiplicidade de novas fontes**. Figurando como recortes inusitados do real, produzidos por questões renovadoras, a descoberta de documentação até então não visualizada como aproveitável pela História, ou então a revisita de velhas fontes iluminadas por novas perguntas. (PESAVENTO, 2009) [grifo nosso!].

¹ “A crônica não é um “gênero maior”. Não se imagina uma literatura feita de grandes cronistas, que lhe dessem o brilho universal dos grandes romancistas, dramaturgos e poetas. Nem se pensaria em atribuir o Prêmio Nobel a um cronista, por melhor que fosse. Portanto, parece mesmo que a crônica é um gênero menor.” (CANDIDO, 1992, p. 13).

Segundo Sandra Pesavento (2006), a literatura é o meio mais completo para se adentrar a um imaginário, pois ela transmite as sensibilidades, é uma realidade criada, mas que contém em cada palavra as representações de um tempo.

A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medo e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. **Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário.** (PESAVENTO, 2009) [grifo nosso!].

Assim, entendemos a literatura como portadora de determinado conhecimento histórico, pois é produzida em dada realidade e lugar social, e que ajudam a nós, historiadores, a recuperar sensibilidades de uma determinada época, pois são fontes que carregam os registros do seu tempo.

A CRÔNICA DE OLAVO BILAC: O AUTOR E SEU TEMPO

Olavo Bilac (1895-1918) nasceu e morreu na cidade do Rio de Janeiro. Durante as tentativas de se formar como médico e advogado foi descobrindo sua vocação como escritor, principalmente como poeta e jornalista. No campo da poesia, Bilac seguiu a Escola Parnasiana e publicou *Poesias (1888)*, obra que o consagrou nacionalmente aos 23 anos. Apesar de ser conhecido mais como poeta, Olavo Bilac também contribuiu em inúmeros periódicos nos fins do século XIX e início do XX, segundo Antonio Dimas (2006), sendo um deles a *Gazeta Notícias*, substituindo Machado de Assis na seção “Semana”.

As atividades de Bilac como cronista nos periódicos se firmou em 1890 e foi até os anos de 1908, momento em que abandonou a carreira de cronista sem esclarecimentos. Segundo Antonio Dimas (2006), Bilac, abordou inúmeros temas do cotidiano em suas crônicas, inclusive a emancipação das mulheres, mas opinava sempre em prol da modernização e higienização da cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal.

As crônicas *bilaqueanas* publicadas no início do século XX, em inúmeros periódicos de renome, serão aqui utilizadas como fonte histórica² de análise do cotidiano, principalmente, das mulheres que viviam na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal.

² A crônica aqui analisada encontra-se disponível no acervo digital da ‘Revista Kosmos’ (Biblioteca Nacional digital Brasil), disponível em: < <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/kosmos/146420>>.

Porque, como já foi dito, consideramos que a crônica tinha a cidade e os costumes sociais como foco privilegiado, pois estava intimamente ligada ao cotidiano urbano.

[...] os letrados tinham uma função importante na realidade, porque, criavam, nas crônicas, metáforas, imagens e representações com o intuito de construir noções sobre a capital e imprimir direção a ela, representações que utilizamos como forma de abordar o passado. **Os cronistas deixaram marcas de pertencimento a um espaço-tempo particular**, mas, em suas crônicas, está igualmente expresso o desejo e as ambições do vir a ser. **As crônicas veiculam discursos e imagens que tratam da cidade, o imaginário e as utopias que se projetam sobre o espaço vivido.** Ao mesmo tempo em que trazem à tona imagens do seu presente imediato, também interferem (e buscam mesmo interferir) no contexto que as tornou possíveis. (NUNES, 2008, p. 9) [grifo nosso!].

A crônica também era o meio pelo qual os intelectuais da época emitiam suas opiniões a respeito das reformas urbanas e sociais. Dentre estes intelectuais, estava Olavo Bilac, que além de “príncipe dos poetas”³ e autor do hino da bandeira, que segundo Nicolau Sevcenko (2003) foi considerado um “porta-voz” da modernidade da cidade do Rio de Janeiro, pois estava sempre criticando os maus hábitos dos cariocas, as festas populares, as revoltas civis, a falta de higienização e a saúde pública.

Foi assim que começou, a partir de suas crônicas, defender a ideia de tornar a cidade do Rio de Janeiro um lugar “civilizado”. Esse momento de transformação urbana e social da cidade vai se dar por meio do governo municipal, representado pelo Prefeito Pereira Passos, e pelo governo federal.

Bilac defendia as reformas urbanas do Rio de Janeiro, e nas suas crônicas podemos observar o quanto exaltava a construção da Avenida Central, além de apontar vários problemas urbanos, como a sujeira, casas mal-arranjadas e a pouca iluminação. O cronista não só denunciava em seus escritos os problemas da cidade, mas também criticava os cidadãos cariocas, que segundo Santana (2013) eram “definidos por Bilac como seres “insuportáveis”, “imbecis que passeiam a sua imbecilidade velha pelas ruas”.

O cronista, então, assumiria um papel de “porta-voz” da modernidade carioca. Considerado como um dos maiores formadores de opinião pública à época e o mais lido, colocava em exibição nas suas crônicas um modelo de cidade que o Rio de Janeiro deveria seguir, além de expor os desejos de uma cidade moderna, na qual as elites pudessem ocupar os espaços públicos para o lazer e vivências sociais, que até então ficavam restritos ao lar e a ambientes privados.

³ Olavo Bilac foi eleito como Príncipe dos Poetas Brasileiros em um concurso da revista *Fon-Fon* em 1913.

De acordo com o historiador Radamés Nunes (2008), os desejos de modernização urbana e social, passam a ser executados nas reformas de Pereira Passos no início do século XX, foi documentada, elogiada e, criticada nas crônicas *bilaquianas*, que eram publicadas em semanalmente no “Gazeta de Notícias” e mensalmente na luxuosa revista “Kosmos”.

Olavo Bilac foi um desses intelectuais que, ao mesmo tempo em que defendia a modernização da cidade, apontava os pensamentos, as visões sobre os projetos políticos e as relações sociais daquele período, procurando convencer a opinião pública em prol do moderno e do civilizado, servindo como observador privilegiado do papel social dos sujeitos sociais, dentre eles, a mulher.

O COTIDIANO DAS MULHERES NAS CRÔNICAS DE OLAVO BILAC

É interessante lembrar que as crônicas de Olavo Bilac, no período de 1902-1906, estavam sendo publicadas no jornal *Gazeta Notícias*⁴ (substituindo Machado de Assis) e na luxuosa revista *Kosmos*⁵.

A crônica por ser esse gênero literário que lida com as sensibilidades e com o cotidiano, utilizaremos os escritos do Bilac, como fontes históricas, para encontrar diversos apontamentos sobre o modo de vida das mulheres durante a Primeira República, na cidade do Rio de Janeiro.

Para o presente texto, analisaremos a crônica publicada, em agosto de 1905, na ‘Revista Kosmos’ de publicação mensal, logo nas primeiras páginas Bilac apresenta a ideia de um correspondente para a criação de uma data da “Glorificação da Mulher” para reconhecer seu papel na sociedade, e assim, comemorar por meio de uma:

festa radiante, a que concorressem poetas, músicos, pintores, escultores. [...] Já celebrámos e glorificámos as arvores, que nos dão carinho, ar puro e benéfica sombra, - as flores que nos dão o seu perfume, - os poetas que nos dão a sua alma inflamada e repartida em versos, - os grandes homens, que nos fazem sentir o orgulho de ter nascido no Brasil; - celebremos e glorifiquemos agora a Mulher, e honremol-a altamente, n’um festival grandioso [...]. (BILAC, Olavo. *Kosmos*, Agosto/1905).

⁴ ‘Gazeta Notícias’ foi um periódico carioca fundado em 2 de agosto de 1875 por José Ferreira de Sousa Araújo. O jornal renovou a imprensa brasileira, introduzindo novas técnicas, o clichê e a caricatura. Além disso, foi um importante jornal carioca da Primeira República.

⁵ A ‘Revista Kosmos’ do Rio de Janeiro, considerada uma revista luxuosa com edições mensais, publicou sua primeira edição em janeiro de 1904 e foi até meados dos anos de 1920. Seu editor-proprietário foi Jorge Schmidt, e o diretor foi Mario Behrind. Atualmente o acervo da revista encontra-se disponível na Biblioteca Nacional digital Brasil.

A ideia da data da “Festa da Mulher” coincidiria com as celebrações pela “Assumpção de Maria”, dia 15 de agosto, data em que a Igreja católica comemora a suprema glória da alma imaculada da Virgem-Mãe. Bilac, ainda ressalta em sua crônica que aos poucos os homens estavam perdendo,

a tradição do respeito sagrado e da veneração sem limites que a Mulher merecia; o Homem, apesar da presunçosa superioridade moral e intelectual que falsamente attribúe a si mesmo, vae ficando cada vez mais grosseiro e brutal nas suas relações sociaes com a Mulher [...]. (BILAC, Olavo. Revista Kosmos, Agosto/1905).

Nesse trecho citado acima, podemos perceber que Bilac não concorda com os discursos científicos que estavam sendo disseminados pela sociedade naquela época, ou seja, para o cronista o homem não era superior moralmente e intelectualmente em comparação com a mulher. E a partir desse discurso, os médicos higienistas e a família burguesa, atribuíam as mulheres apenas o espaço do lar e das atividades domésticas, considerando-as como seres “irracionais” e incapazes de exercer atividades nos setores públicos, e que deveriam estar sob controle dos homens. De acordo com Regma Maria dos Santos (2006), naquele tempo a

(...) política não é assunto de mulher, pois sua “irracionalidade” não as permite ver e pensar sobre questões mais gerais, pois o espaço que lhe é destinado é o espaço do lar, onde lhe cabe exercer o papel de mãe e esposa, mas não se deve negar que o homem é o chefe da casa. (SANTOS, 2006, p. 65).

E nesta mesma crônica, publicada na *Kosmos*, Olavo Bilac chama a atenção para a falta de respeito dos homens com as mulheres, e ao folhear as edições da Gazeta de Notícias, podemos notar que eram comuns notícias sobre a violência doméstica.



Figura 1: Notícia sobre homem que foi preso por espancar esposa. **Fonte:** Gazeta de Notícias, 18 ago. 1901.

Disponível em: Hemeroteca Digital Brasileira
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=103730_04&PagFis=1&Pesq=>.

Naquele momento de introjeção dos ideais de modernização, civilização e universalização dos valores burgueses na sociedade brasileira, o cotidiano das mulheres estava amparado no tripé de mãe-esposa-dona de casa, pois como nos indica Margareth Rago (2014), a mulher estava reservada o papel de santa, identificada com a imagem religiosa de Maria.

Identificada à religiosa ou mesmo considerada como santa, à imagem de Maria, a mãe será totalmente dessexualizada e purificada, ainda mais que, ao contrário, a mulher sensual, pecadora e principalmente prostituta, será associada à figura do mal, do pecado e de Eva, razão da perdição do homem. (RAGO, 2014, p. 112).

Podemos observar o quanto a representação simbólica da mulher em torno dos estereótipos de Virgem Maria estava presente naquela sociedade, que na qual somente os modos burgueses eram considerados civilizados, e por isso deveriam ser seguidos por todas as mulheres para então serem merecedoras do respeito. E segundo a historiadora Margareth Rago (2014), havia no discurso burguês, além desse tipo de mulher mãe, santa e dessexualizada, as prostitutas que eram associadas a figura de Eva e Madalena, pois elas eram consideradas como desviantes e criminosas.

Assim, serão contrapostas o discurso burguês duas figuras femininas polarizadas, mas complementares: a santa assexuada, mas mãe, que deu origem ao homem salvador da humanidade, que padece no paraíso do lar e esquece-se abnegadamente dos prazeres da vida mundana, e a pecadora diabólica, que atrai para as seduções infernais do submundo os jovens e os maridos insatisfeitos. A primeira, toda alma e sacrifício – símbolo do bem; a segunda, exclusivamente carnal e egoísta – encarnação do mal. Ambas, no entanto, submissas, dependentes, porcelanas do homem, incapazes de pensarem racionalmente e, conseqüentemente, de dirigirem suas próprias vidas. (RAGO, 2014, p. 112).

Ao seguir o raciocínio de Olavo Bilac na crônica sobre a “Glorificação da Mulher”, podemos imaginar que nem todos os tipos de mulheres seriam exaltados e glorificados nessa possível festa, pois ao fazer o paralelo com a comemoração da Igreja católica em relação ao dia da Assunção da Virgem Maria, o autor está propondo que apenas as mulheres “dignas de respeito” deveriam ser veneradas e acaloradas no dia 15 de agosto. Neste caso, as mulheres desviantes, prostitutas, pecadoras associadas às figuras bíblicas de Eva e Madalena certamente não seriam bem-vindas a grandiosa “Festa da Mulher”, que segundo o cronista, “a sua festa é uma festa a que só não se associam as almas embrutecidas pelo egoísmo e pela secura, pela falta de sentimento e pelo excesso da animalidade”, assim como as comemorações cristãs em torno da Mãe de Deus.

Sendo assim, surge inúmeras formas de observar o feminino, dentre eles a construção do catolicismo que transporta da antiguidade grega (dualidade de Penélope e Pandora) um sexismo mitológico capaz de amparar a construção do discurso misógino entre a sociedade. Segundo Michel Foucault (2015), vão ser construções em torno de um quadro complexo de correlações de forças, envolvendo jogos de poderes entre as relações homem e mulher. Sem deixar de considerar que para Foucault, cada época e cada sociedade possui uma *episteme* dos discursos e práticas disciplinares sobre os corpos.

Essa identidade conferida as mulheres naquele momento, era de um modelo de mulher projetado pela burguesia, ou seja, que fosse dedicada ao lar, ao esposo, à maternidade e ser responsável pela criação do futuro da nação, os filhos. Estando assim, a honra da mulher toda dedicada ao recato doméstico, espaço privado, enquanto o homem ocupava os lugares públicos.

É evidente que nesse momento de modernização da cidade do Rio de Janeiro, era necessário a eliminação (do que era considerado) dos atrasos por meio da importação de costumes europeus, além de moralizar os hábitos das famílias, atingindo principalmente as mulheres, a começar pelo discurso de isola-la no interior da vida doméstica.

Criava-se assim um imaginário de mulher que era “naturalmente” destinada a vida de esposa-mãe-dona-de-casa, sendo vista como uma boa e santa mulher, devendo ser ressaltada pela sociedade, assim como a virgem Maria, como pudemos observar na crônica de Olavo Bilac aqui discutida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIGUCCI, Davi. **Fragmentos sobre a crônica**. In: _____. Fragmentos e comentário. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: Algumas Considerações**. Revista de teoria da história, ano 1, número 3, junho de 2010.
- BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil: 1900**. Rio de Janeiro: J. Olympio/ Depto de Cultura, 1975.
- BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CERTEAU, Michel De. **Artes de Fazer. A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, Vozes, 1994.
- CANDIDO, Antonio. et. al. A Crônica. In: _____. **A vida ao rés-do-chão**. Campinas: Ed.Unicamp, 1992.
- CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida; PEREIRA, Leonardo (Orgs.). **História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. Campinas: Unicamp, 2005.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DIMAS, Antonio. **Bilac, o jornalista: ensaios**. São Paulo: Edusp/Unicamp/Imprensa Oficial, 2006b.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 2ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- NUNES, Radamés Vieira. **Sobre Crônicas, cronistas e cidade: Rio de Janeiro nas crônicas de Lima Barreto e Olavo Bilac –1900-1920**. Dissertação de mestrado Universidade Federal de Uberlândia, 2008.
- PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História – Operários, Mulheres e Prisioneiros**. São Paulo, Paz e Terra, 1988.
- _____. **História das mulheres, o século XIX. Porto: Afronamento**. São Paulo: Ebradil, 1993.
- _____. **Mulheres públicas**. São Paulo: Unesp, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. **O mundo como texto: leituras da História e da Literatura.** História da Educação, ASPHE/ FaE/UFPEl, Pelotas, n.14, p. 31-45, set. 2003.

PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 2004.

_____. **Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia.** 2ªed. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra: 2014.

SAMARA, Eni de Mesquita; SOHIET, Raquel; MATOS, Maria Izilda S. de. **Gênero em debate: trajetórias e perspectivas na historiografia contemporânea.** São Paulo: Educ, 1997.

SANTANA, João Rodrigo Araújo. **A modernização do Rio de Janeiro nas crônicas de Olavo Bilac (1890-1908).** Salvador, 2013.

SANTOS, Regma Maria dos. **Leituras de jornal: a crônica jornalística e a história cotidiana.** OPSIS: Revista do Niesc, v.1, maio de 2001.

SEVECENKO, Nicolau. **Literatura como missão.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SOIHET, Rachel. **Condição Feminina e Formas de Violência. Mulheres Pobres e Ordem Urbana (1890-1920).** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

VALDECI, R. Borges. **História e Literatura. Algumas considerações.** Revista de Teoria da História. Ano 1, nº 3, junho/2010.

Artigo recebido em outubro de 2017. Aprovado em dezembro de 2017